

18

NÚMERO 1



REVISTA
**DIALOGO E
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



FACCREI

RELAÇÕES DIALÓGICAS EM UMA HOMILIA REALIZADA POR DOM ORLANDO BRANDES NA BASÍLICA DE APARECIDA – SÃO PAULO

DIALOGICAL RELATIONS IN A HOMILY GIVEN BY DOM ORLANDO BRANDES IN THE BASILICA OF APARECIDA – SÃO PAULO

Júnior Alves Feitoza*

Wilder Kleber Fernandes de Santana**

RESUMO: Este trabalho propõe investigar relações dialógicas presentes em enunciados produzidos na esfera religiosa. Por entendermos a importância da temática, partimos do seguinte questionamento: De que maneira os enunciados produzidos por Dom Orlando Brandes, durante sua homilia (2019), entram em contato - relações dialógicas - com os pronunciamentos feitos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro? Para responder a esse questionamento, analisamos, à luz dos estudos de Bakhtin e do Círculo, uma homilia do Arcebispo de Aparecida e recortamos alguns enunciados de falas proferidas pelo ex-presidente Bolsonaro, para averiguar em que medida e até que ponto podemos estabelecer relações dialógicas entre essas falas ao se entrelaçarem na tessitura de produção desses discursos. Para tanto, escolhemos como *corpus* uma homilia do Arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes, bem como fizemos um recorte de alguns enunciados proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Compreendemos que a homilia como gênero discursivo produz enunciados que se articulam com a vida e as interações discursivas dos sujeitos na tessitura da esfera religiosa, especificamente, no caso deste estudo, a esfera católica, construindo e articulando saberes e sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Relações dialógicas. Enunciado. Gênero. Homilia. Dom Orlando Brandes.

ABSTRACT: This paper proposes to investigate dialogical relations present in statements produced in the religious sphere. Because we understand the importance of the theme, we start from the following question: How do the statements produced by Dom Orlando Brandes, during his homily (2019), come into contact - dialogical

* Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - PPGL/UERN. Mestre em Formação de Professores pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba - PPGFP/UEPB. Membro do Grupo de Estudos em Interação, Texto e Discurso do Alto Oeste Potiguar (GITED) e do Grupo de Pesquisa Linguagem, Interação, Gêneros Textuais/Discursivos (LITERGE).

** Doutor e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação e Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Realiza Estágio Pós-Doutoral com bolsa pelo PROLING - UFPB junto à FAPESQ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba). Membro-pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI-UFPB-CNPQ).

relations - with the pronouncements made by former President Jair Bolsonaro? To answer this question, we analyzed, in the light of the studies of Bakhtin and the Circle, a homily by the Archbishop of Aparecida and cut out some statements of speeches given by former President Bolsonaro, to ascertain to what extent and to what extent we can establish dialogical relations between these speeches when they are intertwined in the fabric of production of these speeches. To this end, we chose as a corpus a homily by the Archbishop of Aparecida, Dom Orlando Brandes, as well as made an excerpt of some statements made by former President Jair Bolsonaro. We understand that the homily as a discursive genre produces utterances that are articulated with the life and discursive interactions of the subjects in the fabric of the religious sphere, specifically, in the case of this study, the Catholic sphere, constructing and articulating knowledge and meanings.

KEYWORDS: Dialogic relations. Statement. Gender. Homily. Archbishop Orlando Brandes.

Introdução

Pensar a linguagem como produto vivo da interação entre sujeitos marcados por vivências histórias e sociais é aceitar e se comprometer com o diálogo como sua marca constitutiva. Somos, assim, perpassados pela produção de discursos, de enunciados que se realizam na vida e com outros polemiza revelando sua concretude e caráter dialógico (BAKHTIN, 2006 [1979]).

A noção de enunciado, assim como outras categorias, é central para as discussões e análises de Bakhtin e do Círculo sobre a linguagem, pois é por meio dela na atuação concreta em sociedade que o homem se constitui sujeito produtor de enunciados e, portanto, de discursos. Desse modo, ele interage através desses enunciados que sempre suscitam uma resposta ativa, estabelecendo relações dialógicas com outros, participando da interação viva e tensa inerente a toda essa produção discursiva (SANTANA, 2018).

É nesse contexto que trazemos à tona o ano de 2019, primeiro ano de gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, marcado por discursos polêmicos em redes sociais e até mesmo em meios institucionais de comunicação (SANTANA; SILVA-JÚNIOR; LOPES, 2021). Questões polêmicas, como por exemplo, a preservação da Amazônia, tratada com desdém pelo ex-presidente, a questão indígena, a corrupção e outras, prefiguravam um cenário desafiador que enfrentaríamos nos anos de seu mandato como presidente do Brasil. É diante desse emaranhado de discursos e

posicionamentos e se contrapondo a eles que se realiza a homilia de Dom Orlando Brandes, na Basílica de Aparecida – SP (2019).

Por entendermos a importância da temática, partimos do seguinte questionamento: De que maneira os enunciados produzidos por Dom Orlando Brandes, durante sua homilia (2019), entrem em contato - relações dialógicas - com os enunciados produzidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro?

Este trabalho propõe investigar relações dialógicas presentes em enunciados produzidos na esfera religiosa. Para responder a esse questionamento, analisamos à luz dos estudos de Bakhtin e do Círculo, uma homilia do Arcebispo de Aparecida e recortamos alguns enunciados de falas proferidas pelo ex-presidente Bolsonaro, para ver em que medida e até que ponto podemos estabelecer relações dialógicas entre essas falas ao se entrelaçarem na tessitura de produção desses discursos.

Para tanto, escolhemos como *corpus* uma homilia do Arcebispo de Aparecida, Dom Orlando Brandes, bem como fizemos um recorte de alguns enunciados proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Compreendemos que a homilia como gênero discursivo produz enunciados que se articulam com a vida e as interações discursivas dos sujeitos na tessitura da esfera religiosa, especificamente, no caso deste estudo, a esfera católica, construindo e articulando saberes e sentidos.

Desta feita, este artigo é fruto de uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo. Como embasamento para subsidiar nossa fundamentação teórica e análise, recorreremos a alguns textos de Bakhtin, Volóchinov e alguns estudiosos das obras do círculo, a exemplo de Brait, Fiorin, entre outros.

A partir da análise empreendida, os resultados evidenciam é possível estabelecer relações dialógicas entre os enunciados produzidos pelo Arcebispo em sua homilia ao percebermos que funcionam como respostas aos produzidos pelo ex-presidente. Nota-se que esses enunciados apresentam um tom de crítica em relação aos proferidos por Bolsonaro.

Para melhor situar o leitor, este artigo apresenta a seguinte estruturação: *O princípio dialógico da linguagem; Sobre enunciado e interação discursiva; O gênero homilia em perspectiva dialógica: relações entre as falas de Dom Orlando Brandes e o ex-presidente Bolsonaro; Metodologia; Considerações finais e Referências.* Este

estudo não pretende esgotar a temática, mas suscitar outras reflexões acerca do estudo de relações dialógicas em (homilias) nos estudos sobre o discurso religioso, para que possam ecoar outras vozes e pontos de vista.

O princípio dialógico da linguagem

A língua em seu funcionamento real, em seu uso concreto tem a propriedade de ser dialógica, pois uma pessoa não se comunica com palavras soltas ou frases isoladas, mas por meio de enunciados concretos, irrepetíveis, vivos e interativos (BAKHTIN, 2010 [1934-5]; VOLÓCHINOV, 2021 [1929]).

Ao tratar a linguagem em perspectiva dialógica, compreendemos que ela é constituída como produto social e histórico, e por isso não há possibilidade de o sujeito esboçar um posicionamento totalmente neutro ao se comunicar, pois está inserido no mundo e o conhece a partir da (con)vivência com o mundo e com os outros (SANTANA, 2018), sendo dotado de crenças, valores, pontos de vista ensinados e aprendidos ao longo do tempo. Para Bakhtin,

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 2010 [1934-5], p. 88)

A constituição de todo discurso é perpassada e permeada por uma orientação dialógica, a sua produção é impregnada por essa orientação (SANTANA, 2018). Como sujeitos sociais e históricos, não podemos dela nos esquivar, pois se apresenta como uma marca natural e comum a qualquer discurso. Somente o Adão bíblico é que pôde se afastar dessa orientação, mas para nós que participamos de uma produção de discurso interativa, ela é constitutiva e inerente a essa produção (BAKHTIN, 2010).

Desse modo, um discurso produzido em qualquer esfera, em dada situação e sobre um objeto qualquer está condicionado a participar dessa orientação dialógica a experimentar a interação viva e tensa na qual os sujeitos da linguagem negociam sentidos a partir dos embates ideo-dia-lógicos (de)marcados por suas tradições, pelas

suas crenças, pela comunidade ou grupo social ao qual pertencem etc. Nessa perspectiva, como afirma Fiorin,

Todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, 2019, p. 21-22)

Ao nos comunicarmos, estamos sempre buscando construir sentidos por meio da linguagem, porque é através dela que revelamos o mundo e, também, nossos posicionamentos diante da realidade. Essa perspectiva coloca locutor e interlocutor, ou seja, o eu-outro em uma relação privilegiada de interação marcada por negociações, concordância, discordância, aceitação ou negação da palavra e do discurso do outro (FIORIN, 2019; SANTANA, 2018).

Esse jogo de embates só é possível porque, ao produzir discursos, dialogamos com outros que atravessam os nossos e, ao mesmo tempo, são atravessados por eles, de modo que a palavra é sempre dialógica, há, portanto, a sua dialogização no processo de produção discursos e construção de sentidos (Santana, 2018). Ou seja, há sempre um entrelaçamento de vozes, saberes e sentidos nos discursos, entre eles e por meio deles. Volóchinov destaca que:

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados (VOLÓCHINOV, 2021 [1929], p. 218-219)

A vida entre sujeitos produtores de discursos e, portanto, produtores de linguagens ocorre por meio de enunciados. Eles são o centro das relações entre pessoas que conversam, discutem, interagem. É por meio de enunciados que os sentidos se constroem, pois não são isolados, não são individuais, mas coletivos e por serem coletivos, são plurais.

Sobre Enunciado e Interação Discursiva

Para Volóchinov (2021 [1929]), a língua é produto vivo da interação social, da interação entre sujeitos que a praticam nas mais variadas situações e modalidades, sejam orais ou escritas. Assim sendo, não a vivenciamos de forma abstrata, apenas enquanto sistema linguístico (código), mas de maneira concreta à medida que tomamos também o conhecimento extralinguístico que permeia a construção de sentidos que constituem o discurso.

Desse modo, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17) Ao integrarem a vida, os enunciados tomam parte naquilo que constitui a existência dos sujeitos, passando a carregar e absorver marcas de sentidos construídos por eles em suas relações, por meio de suas crenças, seus valores, seus posicionamentos políticos, religiosos etc. Assim sendo, cada enunciado é orientado para outro que com ele dialoga, concorda, discorda, critica etc.

Nesse direcionamento, a palavra cumpre uma função social ao entrar no terreno discursivo para participar da interação com outros discursos, estabelecendo um diálogo vivo e tenso. Como ressalta Volóchinov, “a palavra é um ato bilateral”, para o autor:

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.) Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco no figurado. (VOLÓCHINOV, 2021, p. 204-205)

Ao falar, o locutor leva em conta o seu auditório social, esse outro que espera a sua palavra a quem ela se dirige. Assim, para que a palavra ganhe vida no terreno da interação discursiva é preciso que ela se impregne de dialogicidade, ou seja, se relacione com a vida e dela participe. Portanto, ao enunciar, o locutor sempre levará

em conta o discurso do outro que está presente no seu, para a partir disso, constituir sentidos (VOLÓCHINOV, 2021).

Quem fala, é para o outro que fala, quem enuncia, é para o outro que se enuncia. A palavra, nessa perspectiva, é território vivo de sentidos e para a construção de sentidos, uma vez que é permeada por marcas ideológicas cultural e historicamente adquiridas. Na concepção de Santana (2018, p. 54), “O pensamento participativo traz consigo o pressuposto de que há duas consciências que dialogam, e a palavra é plenificada na expressão do Ser-evento único e unitário”. Assim, como a língua não é de maneira alguma abstrata, o interlocutor, do mesmo modo, não pode ser, pois da mesma forma que a língua é produto histórico-social, também o homem-interlocutor o é.

São variados os modos e as formas de interagir com o mundo e com os outros em situações em que praticamos a língua(gem) mediados por discursos. Cada gênero, em cada esfera de uso da comunicação humana, vai se constituindo parte integrante da vida e das relações sociais, porque cada sujeito se constitui nas relações com o outro, pois cada esfera e campos da atividade humana estão relacionados aos usos da linguagem. Ao tratar sobre os gêneros do discurso, Bakhtin afirma:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. (BAKHTIN, 2016, p. 12)

Toda sociedade ao longo de sua história produz seus gêneros e os atualiza na vida, a partir das vivências concretas nas reais situações de uso. É através desses gêneros discursivos que vivenciamos a linguagem nas mais variadas esferas em que se realiza a comunicação humana, e, nesse sentido, quanto mais tornamos organizada e complexa essa comunicação, mais complexos e sofisticados se tornam os gêneros e, conseqüentemente, os usos da língua.

Com base nesse entendimento, comunicar-se numa esfera acadêmica, por exemplo, requer o domínio e o conhecimento sobre os gêneros que permeiam o uso

da linguagem nessa esfera, do mesmo modo na esfera religiosa, os gêneros serão diferenciados em virtude das especificidades, intencionalidade e interações entre os sujeitos que praticam a linguagem no contexto religioso. O que se percebe é que os gêneros não são usados de forma arbitrária, ao contrário, refletem o momento social e histórico dos sujeitos de forma organizada e sistematizada.

Na compreensão de Bakhtin, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” (BAKHTIN, 2016, p. 26) Concordamos com o autor ao conceber o enunciado como elo que liga a vida e as relações dos sujeitos em sociedade, orientando-se para outros enunciados para construir e constituir sentidos. Dessa forma, o enunciado não só permeia as relações sociais de linguagem dos sujeitos, mas os constituem como sujeitos da linguagem. O enunciado é vivo, concreto, pois toma forma e ganha vida na interação discursiva constituída social e historicamente pelos sujeitos que vivenciam e praticam a linguagem em variados contextos.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 79-80) “O enunciado em sua plenitude é informado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro.” A produção de enunciados é sempre e inevitavelmente estabelecida por relações que ganham forma no terreno discursivo, de modo que, é na e pela interação de sujeitos que eles constituem sentidos na vida em sociedade. Os sentidos que são construídos a partir dos enunciados que formulamos dizem respeito, em grande medida, a outros enunciados que participam da vida da sua construção. Assim, eles têm começo, meio e fim na interação que se estabelece, nas trocas que fazemos, porque nenhum retém o sentido em si mesmo, mas o constrói a partir de outrem. Nesse sentido, como explica Bakhtin,

As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano de sentidos (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2016, p. 92)

Ao tratar sobre enunciados, estamos tratando sempre e, certamente, sobre relações dialógicas, uma vez que são inevitáveis, pois para que eles sejam construídos recuperamos falas, histórias, outros enunciados e discursos, por isso estão sempre sendo confrontados no plano de sentidos. Desse modo, na interação discursiva se revelam as palavras destinadas a participar de um emaranhado de vozes que entram em embates para constituir sentidos, ou seja, não se trata de relações estritamente linguísticas, a partir dos usos da língua como código, mas relações entre enunciados vivos, discursos que são vivos porque estamos interagindo, produzindo conhecimento e história.

Relações entre as falas de Dom Orlando Brandes e o ex-presidente Bolsonaro

Abordar o gênero discursivo homilia em perspectiva dialógica, é concebê-lo como produto vivo da interação social de sujeitos que (con)vivem e praticam a linguagem. Qualquer posicionamento a seu respeito como objeto de estudo, aponta para um posicionamento ideo(dia)lógico sobre esse objeto dadas as especificidades do contexto e da esfera religiosa na qual é produzido. Assim, antes de tomarmos esse gênero e analisar possíveis relações dialógicas nele presentes, faremos uma pequena explicação para situar o leitor sobre algumas características que o circunda e, portanto, essenciais para sua compreensão.

Nas instâncias religiosas com especificidade na doutrina católica, afirmam Costa e Pinto (2014, p. 53) que “A homilia, portanto, como prática religiosa cristã, é pregação porque seria a resposta concreta dada à missão que Jesus confiou aos cristãos de anunciar o evangelho a todas as criaturas”.

O gênero em questão é usado na esfera religiosa, mais especificamente pela Instituição cristã. No caso da Igreja Católica Apostólica Romana, configura-se como uma das partes da Santa Missa, conhecida como liturgia da palavra. A homilia é o momento em que se reflete a palavra de Deus à luz da doutrina da igreja, em que se ensina “as verdades da fé” com base no que Jesus, o mestre, transmitiu e deixou para seus discípulos. Sendo assim, revela-se uma das partes centrais da missa, pois a mesa da palavra, assim conhecida pelos fiéis, partilhada com os irmãos na fé,

congrega e conduz a comunidade a vivenciar o mistério deixado pelo Cristo quando ceou com seus apóstolos.

Durante a homilia é comum tratar também sobre temáticas de relevância social que afetam e/ou impactam a vida das pessoas e, por conseguinte, a dignidade da pessoa humana, como forma de instruir e conscientizar, visando “promover a justiça, a unidade, a paz e a defesa da vida” (COSTA; PINTO, 2014, p. 57).

O *corpus* analisado é uma homilia realizada por Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida-SP, no encerramento da festa de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e pode ser acessada no portal A12, canal do Santuário Nacional de Aparecida, na plataforma *you tube*. Também selecionamos alguns vídeos do ex-presidente Jair Bolsonaro presentes nessa mesma plataforma, bem como notícias divulgadas no portal G1. Passemos, agora, à análise das relações dialógicas à medida que confrontamos as duas falas no campo enunciativo-discursivo.

A homilia proferida por Dom Orlando Brandes na Basílica de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo foi realizada de acordo com a liturgia própria para o dia, com base na Primeira Leitura, Salmo, Segunda Leitura e Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas (indicar os textos). Ao iniciar sua reflexão, o Arcebispo de Aparecida chamou a atenção para o dragão que perseguia a mulher querendo matar o seu filho, fazendo referência ao texto da primeira leitura. Ao fazer alusão ao tempo presente, o Arcebispo afirmou que ainda hoje há muitos dragões que matam, fazendo relação a alguns problemas enfrentados pela sociedade.

A figura do dragão é entendida como a personificação do mal nessa passagem da bíblia e, portanto, como a imagem de todos aqueles que de alguma forma ameaçam a vida. Ao enunciar que a fome é um dragão que mata, Dom Orlando Brandes estabelece relações dialógicas entre os textos bíblicos e a situação de miséria vivenciada no Brasil no contexto social do ano de 2019, provocada por aqueles que são responsáveis pela promoção de políticas públicas de valorização da vida.

Os enunciados do Arcebispo vão de encontro a uma fala do ex-presidente Jair Bolsonaro ao dizer que: “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira” (Plataforma *you tube*, 2019). Desse modo, o ex-presidente não só nega a situação de pobreza e miséria ainda enfrentada por muitos no país, como apresenta um tom

irônico ao abordar a situação. Nesse sentido, na referência do Arcebispo ele acaba fazendo papel de “dragão” que ameaça a vida e a dignidade humanas.

Ao tratar sobre a temática corrupção, o Arcebispo afirmou que “Estão facilitando os caminhos do dragão da corrupção” (DOM ORLANDO BRANDES, Portal A12, 2019). A fala do Arcebispo faz alusão a um dos problemas que mais assola o país, a corrupção. Ano após ano, presenciamos escândalos de corrupção que afetam a sociedade em geral, mas sobretudo aqueles que dependem de serviços essenciais à saúde, educação, assistência social, entre outros. A corrupção ainda é uma chaga que assola o país e provoca muitos danos à sociedade.

Na contramão disso, a defesa de gestões democráticas e transparentes são sempre a base de campanhas políticas em nível nacional. Em relação ao ex-presidente Jair Bolsonaro isso não foi diferente, a defesa da democracia, das instituições e os discursos anticorrupção foram as marcas da sua campanha eleitoral. No entanto, o que se percebeu ao longo do seu primeiro ano de governo (2019), foi a falta de transparência e passividade, haja vista que, quanto ao cenário devastador que acometeu o Brasil em percentuais de morte por Covid-19 entre 2020 e 2022, “torna-se notória uma tentativa de desresponsabilização sociopolítica por parte de Bolsonaro, por não adotar medidas mais rígidas para conter o rápido contágio pelo vírus” (SANTANA; SILVA-JÚNIOR; LOPES, 2021, p. 195).

Trechos do Relatório Internacional – Brasil divulgado em matéria do G1, mostra que principalmente no ano de 2019, houve interferência da presidência em órgãos como a polícia federal. O relatório apontou que:

Após anos de desenvolvimento institucional com a consolidação de práticas tanto preventivas quanto sancionatórias, o país enfrenta agora retrocessos que comprometem a democracia, o Estado de Direito e os direitos humanos. Desde 2019, as estruturas legais e institucionais anticorrupção no Brasil sofreram vários golpes, com interferência política nas agências, práticas e políticas corrosivas, conflitos entre as esferas do governo, além de ameaças à sociedade civil e à mídia. (TRECHO DO RELATÓRIO INTERNACIONAL – Brasil, Portal G1, 2019)

O trecho do relatório sobre o cenário da corrupção no Brasil no ano de 2019, aponta para uma situação na qual não só as instituições estavam ameaçadas, mas a

própria democracia e, conseqüentemente, a vida das pessoas. As interferências e os ataques aos órgãos de fiscalização governamental revelaram que não havia mais instituição que gozasse de autonomia para agir, diante das circunstâncias dos fatos que viriam se concretizar depois – ataques realizados aos poderes da república em janeiro de 2023.

Ainda de acordo com o relatório, “Órgãos de controle também foram sujeitos a interferência política sob o atual governo, incluindo a Receita Federal, o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) e o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF).” (Trecho do Relatório Internacional – Brasil, Portal G1, 2019), referindo-se ao período em que Bolsonaro chefiava a nação brasileira.

Ao analisar os trechos do relatório, depreendemos da fala do Arcebispo que esse sujeito desinencial do verbo estão, o “eles”, nomeia aqueles que têm o poder e/ou o dever de agir de forma democrática e honesta perante a sociedade e não o fazem. Ao interferir na atuação de órgãos como conselhos que têm por função fiscalizar e apontar possíveis irregularidades, e da polícia federal que têm o poder de investigar quem pratica atos ilícitos, fica claro que o interesse em burlar a lei é uma constatação e não mais uma especulação.

Os enunciados do Arcebispo são dialógicos, pois fazem referência ao discurso do ex-presidente em defesa de uma gestão anticorrupção ao dizer que em seu governo não haveria corrupção, mas que facilita os caminhos para que ela continue acontecendo com impunidade. Nesse sentido, a facilitação do “dragão” da corrupção como enuncia o Arcebispo, continua em ações que ainda reinam e estão sendo favorecidas quando se tira a autonomia de órgãos que tinham a incumbência de fiscalizar e até punir ações contra o erário público.

Em relação à situação ambiental, o Arcebispo frisou que é preciso defender a vida em todos os sentidos e a vida da Amazônia. A fala do pastor em relação à Amazônia como patrimônio brasileiro, nos remete ao que foi enunciado pelo ex-presidente, querendo minimizar as queimadas na região. Em vídeo, Bolsonaro afirmou: “pode haver 'ação criminosa' de ONGs a fim de que imagens sejam enviadas para o exterior e prejudiquem o governo.” (PORTAL G1, VÍDEO, 2019)

A atitude do ex-presidente não transparece uma postura de um gestor que tinha alguma ação ou plano de governo para solucionar o problema. Ao contrário, parece que o governo tendia a se esquivar da responsabilidade de sanar os problemas das queimadas na Amazônia, transferindo a responsabilidade para instituições e outras pessoas, quando, na verdade, independentemente de quem quer que os tivesse provocado, seria de responsabilidade da união medidas para saná-los e punir os culpados.

Essa fala do vídeo, assim como outras, repercutiu de forma negativa e algumas ONGs responderam ao ex-gestor. Em matéria ao site G1, ambientalistas afirmaram: “Fala de Bolsonaro sobre queimada na Amazônia é 'irresponsável' e 'leviana’”. (Portal G1, Vídeo, 2019) As reações negativas dos ambientalistas responsáveis por trabalhos sérios em algumas ONGs são reflexo de que Bolsonaro não só desrespeitou, como não tinha conhecimento sobre o que estava falando, pois, ao ser indagado se tinha provas, respondeu que não. Essa postura mostra, infelizmente, que o governante do Brasil na época (2019) não apresentava uma postura condizente com seu cargo.

Sobre a questão dos indígenas, em uma de suas falas, o ex-presidente afirmou:

Quero deixar claro: o Brasil não vai aumentar para 20% sua área já demarcada como terra indígena, como alguns chefes de Estados gostariam que acontecesse. A visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes alguns desses líderes, como o Cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia. Infelizmente, algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas. [...] O índio não quer ser latifundiário pobre em cima de terras ricas. Especialmente das terras mais ricas do mundo. É o caso das reservas Ianomâmi e Raposa Serra do Sol. Nessas reservas, existe grande abundância de ouro, diamante, urânio, nióbio e terras raras, entre outros. (VÍDEO, PORTAL G1, 2019)

O trecho evidencia que a postura do ex-gestor era de alguém irredutível e contrário ao diálogo. Não só em temas como a demarcação das terras indígenas, mas também em outros momentos se percebeu que não houve uma postura de atenção e diálogo para tratar certas temáticas. Acerca da questão indígena, além de o país ter

uma dívida histórica com os povos originários, essa questão da demarcação das terras sempre foi algo essencial para garantir a sobrevivência não só dos indígenas, mas da preservação cultural do nosso povo. Tratar essa questão como algo banal é desrespeitar o país e as tradições, e por isso soa-nos como falta de respeito com os índios, respeito que, deveria ter sido a primeira postura mostrada pelo ex-governo e não o foi.

Incentivar uma política de exploração das reservas ambientais preservadas é colocar em risco não só a vida das populações que vivem nessas áreas, mas de todo país. Diante desse pensamento e postura do ex-presidente, a vida se torna ameaçada, esses lugares se tornam alvo da cobiça daqueles que visam o lucro pela exploração dos recursos naturais dessas reservas. A vida e as relações das pessoas que ali vivem são consideradas pequenas, mediante o interesse dos que praticam um capitalismo desenfreado.

Em seu discurso, o Arcebispo enfatiza que “é preciso defender a vida” (Dom Orlando Brandes, Portal A12, 2019), e essa defesa só pode ser efetivada quando a postura dos nossos governantes for geradora de vida e não de opressão. Dar condições para que se explore e se apodere do patrimônio das populações indígenas, para além do que já foi feito, é o contrário de preservar a vida, é ameaçá-la, é incentivar que o mais forte e que tem mais recursos ganhe a corrida que há muito tempo foi dada largada.

Metodologia

Esta pesquisa apresenta-se como bibliográfica e de abordagem qualitativa. Na visão de Paiva, essa abordagem “ocorre no mundo real” pois compreende a análise para explicar experiências que decorrem de fenômenos sociais que “incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc.” (PAIVA, 2019, p. 13)

A pesquisa bibliográfica, na compreensão da autora, “é entendida como revisão de literatura e parte essencial de qualquer modalidade de pesquisa. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que já existe

sobre o objeto investigado.” (PAIVA, 2019, p. 59-60) Desse modo, esse tipo de pesquisa pressupõe a sistematização do conhecimento sobre determinado objeto de estudo em uma dada área do conhecimento, uma vez que este conhecimento servirá de base para a percepção de eventuais lacunas e questionamentos a serem postulados e respondidos em estudos posteriores.

Sobre a abordagem qualitativa, Severino expõe que “São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.” (SEVERINO, 2013, p. 104) É possível adotar metodologias diversificadas para se abordar um determinado fenômeno sob a ótica qualitativa, de modo que há vários delineamentos e métodos para se chegar ao conhecimento de determinado objeto.

Ao tratar sobre a análise do *corpus*, este estudo está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e o Círculo, Bakhtin (2022), Volóchinov (2021) e estudiosos do círculo, a exemplo, Brait (2021). Propõe-se a partir desta investigação, analisar relações dialógicas em enunciados proferidos por Dom Orlando Brandes e como estes estabelecem relações com alguns enunciados produzidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, concebendo a linguagem como produto vivo da interação social e, portanto, dialógica.

Considerações finais

A linguagem é, por natureza, dialógica, porque nenhum discurso existe isolado de outros discursos, assim como não vivemos isolados em sociedade. A construção de enunciados se dá nesse emaranhado de relações em que na teia da vida são tecidas relações sociais que vão moldando a tessitura de discursos em e sobre outros discursos, discursos em e sobre outras vidas.

É nesse contexto que se constrói a produção discursiva da homilia analisada, o que revela a constante relação desta com a vida e a interação de pessoas nessa situação concreta em que essa prática de linguagem se realiza. Observamos que a homilia produzida pelo Arcebispo nesse contexto está impregnada de relações

dialógicas, pois extrapolam a perspectiva linguística, convocando sentidos que só podem ser percebidos nas instâncias enunciativo-discursivas, pois estas estão intrinsecamente relacionadas com a vida e as relações dos sujeitos usuários e produtores de linguagens.

Assim sendo, quando os enunciados produzidos por Dom Orlando apresentam um tom de crítica aos produzidos por Bolsonaro, são estabelecidas com eles relações dialógicas, pois não são discursos abstratos, mas sobre a vida das pessoas, de suas relações consigo e com os outros. Ao enunciar, o Arcebispo revela o comprometimento com algumas causas sociais e com a vida, a exemplo, a preservação da Amazônia. Por outro lado, a postura do ex-presidente em seu discurso, revela um desinteresse com algumas questões essenciais para o país e, conseqüentemente, para a vida em sociedade.

Referências

BAKHTIN, M. (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006d [1979]. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no Romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 2010b [1934], p.71-210.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2022.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. 2. Ed. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 9-32.

COSTA, Alexandre Ferreira; PINTO, Juliana de Sousa. A prática discursiva homilética: dialogia, gênero e intertextualidade. **Revista Colineares**. Número 1- Volume 1 – Jan/Jun, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PORTAL G1. **Fala de Bolsonaro sobre queimadas na Amazônia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/fala-de-bolsonaro-sobre-queimada-na-amazonia-e-irresponsavel-e-leviana-dizem-ambientalistas.ghtml>. Acesso em 18.08.2023

PORTAL G1. **Aumento de queimadas na Amazônia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/19/queimadas-aumentam-82percent-em-relacao-ao-mesmo-periodo-de-2018.ghtml>. Acesso em 18.08.2023

PORTAL G1. **Fala de Bolsonaro na ONU**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/09/24/veja-os-principais-pontos-do-discurso-de-bolsonaro-na-onu.ghtml>. Acesso em 18.08.2023

PORTAL G1. **Fala de Bolsonaro na ONU**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/09/20/transparencia-internacional-ve-retrocesso-no-combate-a-corrupcao-no-brasil-principalmente-a-partir-de-2019.ghtml>. Acesso em 18.08.2023

PORTAL A12 - SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA. **Homilia de encerramento da festa da padroeira 2019**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IbnYLIqW8Y&t=2729s>. Acesso em 18.08.2023.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O princípio dialógico da linguagem e a identidade alteritária do sujeito. **Revista Interfaces**, v. 4, p. 50-62, 2018.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes; SILVA JÚNIOR, Sílvio Nunes da; LOPES, Lucas Rodrigues. Análise dialógica do enunciado “E DAÍ?”: a proliferação discursiva em contexto de pandemia. **Prolíngua** (João Pessoa), v. 16, p. 189-198, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021.

Recebido em: 02/03/2024.

Aprovado em: 07/08/2024.